



Vozes da independência: Experiências de mulheres negras na Independência da Bahia

*Voices of Independence:
Experiences of Black Women in the Independence of Bahia.*

*Voces de la Independencia:
Experiencias de Mujeres Negras en la Independencia de Bahía.*

Viviane Carla Bandeira Santos¹
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

Andréa de Carvalho Moreira²
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

RESUMO

O presente artigo traz uma discussão a partir do lugar da mulher nos processos revolucionários desse território, mais especificamente, das mulheres negras no contexto da Independência na Bahia. Apesar dos avanços da historiografia em relação a essa temática, percebemos lacunas com relação à atuação dessas mulheres. Por isso, propomos revisitar os acontecimentos que conduziram ao 2 de julho de 1823, através de uma pesquisa bibliográfica, desvelando as experiências de mulheres negras que tiveram participação nas lutas pela emancipação política do estado. Desse modo, traz-se a seguinte problemática: Como as experiências das mulheres negras impactaram no processo de Independência da Bahia? Pretende-se, com isso, compreender as experiências de mulheres negras nas lutas pela Independência da Bahia. Desse modo, é necessário enveredarmos por esse caminho para entender o processo de Independência da Bahia por outra ótica.

Palavras-chaves: Mulheres negras; Independência da Bahia; Experiências; Ensino de História.

ABSTRACT

This article brings a discussion from the place of women in the revolutionary processes of this territory, more specifically, of black women in the context of Independence in Bahia. Despite the advances in historiography concerning this theme, we noticed gaps in relation to the performance of these women. Therefore, we propose to revisit the events that led to July 2, 1823, through bibliographical research, revealing the experiences of black women who participated in the struggles for the political emancipation of the state. In this way, the following problem arises: How did the experiences of black women impact on the Independence process in Bahia? It is intended, with this, to understand the experiences of black women in the fights for the Independence of Bahia. Thus, it is necessary to embark on this path to understand the Independence process in Bahia from another perspective.

Keywords: Black women; Independence of Bahia; Experiences; History Teaching.

¹Natural de Salvador. Formada em História pela UEFS. Especialista em História, Cultura Africana e Indígena pela Faculdade São Tomás de Aquino e em Formação Sócio Econômica do Brasil pela Universidade Salgado de Oliveira. Mestre em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas pela UFRB. Professora de História – SEC-BA. Membro e Pesquisadora do CPEDR-UNEB. <https://orcid.org/0000-0001-6848-2403>. Endereço eletrônico: viviane.carlabandeira@gmail.com Egressa UFRB.

² Natural de Cruz das Almas. Graduada em História pela UNEB - Campus V. Formação em Psicopedagogia pela Universidade Salgado de Oliveira. Mestrado em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas pela UFRB. Professora da rede estadual e municipal, no município de Cruz das Almas-Ba. Desenvolve pesquisas na área de educação antirracista. <https://orcid.org/0009-0006-3744-2285> Endereço eletrônico: andrea.moreyra@nova.educacao.ba.gov.br Egressa UFRB.



RESUMEN

Este artículo trae una discusión desde el lugar de la mujer en los procesos revolucionarios de este territorio, más específicamente, de la mujer negra en el contexto de la Independencia de Bahía. A pesar de los avances de la historiografía en relación a este tema, notamos vacíos en relación a la actuación de estas mujeres. Por lo tanto, nos proponemos revisar los hechos que llevaron al 2 de julio de 1823, a través de una investigación bibliográfica, revelando las experiencias de mujeres negras que participaron en las luchas por la emancipación política del estado. De esta manera, surge el siguiente problema: ¿Cómo impactaron las experiencias de las mujeres negras en el proceso de Independencia de Bahía? Se pretende, con esto, comprender las experiencias de las mujeres negras en las luchas por la Independencia de Bahía. Por lo tanto, es necesario emprender este camino para comprender el proceso de independencia en Bahía desde otra perspectiva.

Palabras clave: Mujeres negras; Independencia de Bahía; Experiencia; Enseñanza de la historia.

Introdução

O processo de Independência do Brasil é amplamente estudado pela historiografia. Entretanto, existem lacunas que precisam ser desveladas no que diz respeito à participação de mulheres negras. É importante pensar como as narrativas sobre o processo de independência do nosso país foram construídas negligenciando a participação de mulheres, principalmente das mulheres negras e de como a independência da Bahia é entendida nesse contexto mais amplo em que mitos foram fortalecidos ao longo dos anos em detrimento as figuras de mulheres negras pobres. O estudo de Viviane Carla Bandeira Santos (2019) aponta essa questão, quando traz a figura de Zeferina, líder do quilombo do Urubu que desconstrói a ideia dos mocambos como locais masculinizados.

A identidade do nosso país foi pautada nos ideais dos colonizadores. Neste sentido, observamos que os traços característicos da nossa identidade são permeados pelo eurocentrismo, hegemonismo e patriarcalismo. Logo, é perceptível que as experiências das mulheres negras não foram tomadas como construtoras da identidade do país. (SANTOS, 2019).

O influxo patriarcal priorizou a agência masculina, privilegiando o indivíduo biológico racializado (branquitude), elitizado (classe dominante) e racional (letrado). (IBARRA; RESENDE, 2022, p.417).

Sobre tal construção patriarcal as atuações de mulheres como Maria Felipa, Maria Quitéria dentre outras foram durante muito tempo negligenciadas na historiografia oficial, em detrimento da atuação e do envolvimento de homens nos movimentos de Independência. Fato



que, não constitui entrave nos projetos de tais mulheres que desenvolveram estratégias diferenciadas como o fato de que Maria Quitéria precisou se disfarçar de soldado para mostrar seu entusiasmo, interesse e capacidade em lutar contra as tropas portuguesas, uma construção condizente com o pensamento social da época, mas questionável na atualidade e que requer maiores aprofundamentos sobre a participação feminina nos movimentos sociais da época, considerando seus limites e estratégias de atuação.

Maria Graham (1956) tece uma descrição de Maria Quitéria:

Ela é iletrada, mas inteligente. Sua compreensão é rápida e sua percepção aguda. Penso que, com educação, ela poderia ser uma pessoa notável. Não é particularmente masculina na aparência; seus modos são delicados e alegres. Não contraiu nada de rude ou vulgar na vida do campo e creio que nenhuma imputação se consubstanciou contra sua modéstia. (GRAHAM, 1856, p. 331).

Embora os estudos sobre Maria Felipa ainda deixem algumas lacunas, esses vêm corroborando no sentido de resgatar essa memória, entretanto, percebemos a necessidade de maiores investigações históricas sobre essa questão, principalmente porque tivemos atuação de costureiras, esposas, mães, filhas, negras ganhadeiras que trabalhavam para libertar seus maridos e filhos e constituem exemplos de mulheres anônimas que participaram das lutas pela independência da Bahia. (2002, S/P).

Sérgio Armando Diniz Guerra Filho (2015) em sua tese de doutorado sobre Antilusitanismo na Bahia pontuou a ausência de nomes de mulheres nas listas patrióticas, assim como a falta de referências diretas a pessoas do “povo”, fato que evidenciam como a construção do ideário patriótico foi durante muito tempo legitimado pela sociedade patriarcal, paternalista e representado exclusivamente pelos homens de bem – e de posse de bens.

No tocante à Independência da Bahia, o tema vem sendo esmiuçado pelos estudos historiográficos, mas essas investigações ressaltam pouco o papel feminino neste processo de luta e resistência. Destarte, conhecemos mais das histórias dessas mulheres através da memória viva, a qual está claramente evidenciada especialmente, a participação de Joana Angélica identificada como a abadesa, Maria Quitéria reconhecida como patronesse do Quadro Complementar de Oficiais do Exército Brasileiro, desde 1996 e Maria Felipa, a negra pobre, trabalhadora braçal, pescadora e marisqueira, o que a identifica com a população negra e seu protagonismo no processo revolucionário ressurgem em todos os negros e negras na Bahia o

sentimento de poder e capacidade independentemente da cor ou ascensão social, motivando-os a lutarem por condições sociais melhores. Por esta razão, essas mulheres entraram para a história como símbolos de resistência feminina nos processos de emancipação política na Bahia e que, inclusive, já se encontram no panteão de heroínas nacionais (BRASIL, 2018).

Apesar dessas agências femininas já serem reconhecidas no cenário nacional e local, outras experiências que lograram esse momento histórico tão importante ainda se encontram invisibilizadas, fato inadmissível, haja vista a grande diversidade existente no território baiano, já que essas outras mulheres que a historiografia não deu visibilidade tiveram atuação evidenciadas também a partir do momento que a história de Maria Felipa ganhou repercussão, pois sua história está entrelaçada em histórias de vidas de outras mulheres na medida em que ela era pescadores e marisqueira, não atuava sozinha em suas funções e ainda liderou outras mulheres negras, índios tupinambás e tapuias em batalhas contra os portugueses que atacavam a Ilha de Itaparica no contexto dos processos revolucionários de 1822 se intensificando ações conjuntas com outras mulheres em 1823.

Neste sentido, o presente artigo traz a seguinte problemática: Como as experiências das mulheres negras impactaram no processo de Independência do Brasil na Bahia? Tendo como objetivo geral: compreender as experiências de mulheres negras nas lutas pela Independência do Brasil na Bahia, com vistas a um ensino de história mais implicado com as questões étnico-raciais. Como desdobramento do objetivo geral, o estudo parte dos seguintes objetivos específicos: desvelar o papel feminino na independência do Brasil na Bahia, evidenciar os processos de resistência tecidos por mulheres negras na Independência da Bahia e demonstrar a presença da memória viva da participação feminina na Festa do 2 de Julho.

A festa de 2 de julho é um importante marco para entendermos e refletirmos sobre a participação feminina no processo de Independência da Bahia, ao trazer símbolos e a memória viva de mulheres que participaram ativamente dessas lutas, como o símbolo da Cabocla – presente em festas do Dois de Julho pela Bahia – e representações das figuras de Maria Quitéria, Joana Angélica e atualmente, a figura de Maria Felipa.

O estudo debruça-se numa pesquisa bibliográfica, na qual fizemos o levantamento de autores/as que discutem sobre o tema, relacionando ao campo de ensino de história, tecendo



uma análise das pesquisas que abarcam a atuação da mulher negra no processo de Independência da Bahia.

Atravessando essa memória viva e local, o artigo é dividido em quatro seções, nas quais teceremos reflexões sobre o papel e atuação dessas mulheres. A primeira seção busca tratar sobre o processo de independência do Brasil e a atuação de mulheres negras. A segunda seção tece uma discussão sobre o cenário de resistência escrava que estava se desenvolvendo no território baiano antes do processo de Independência da Bahia e como esse vai favorecer a participação feminina na guerra? A terceira seção aborda os símbolos femininos presentes na festa do 2 de julho e sua importância na manutenção da memória viva. A quarta seção aprofunda a reflexão sobre a participação das mulheres negras nas lutas de Independência da Bahia.

Desse modo, percebe-se que, para termos uma melhor compreensão do panorama nacional, precisamos investigar as lutas pela Independência nos estados, principalmente estabelecer o entendimento sobre a atuação feminina nesse contexto e de como essa participação dessas mulheres foi importante para o Brasil e a Bahia trilharem, enfim, a sua tão almejada libertação de Portugal.

1. Mulheres negras: Enquanto isso, na Independência do Brasil

A historiografia brasileira aprofundou muitos seus estudos sobre o processo de Independência do Brasil, investigações essas que remontam os participantes da guerra de independência e dentre esses é comum mencionarmos as figuras masculinas como a do Corneteiro Lopes e Madeira de Melo, Labatut, dentre outros. Ao contrário, a participação das mulheres por muito tempo foi negligenciada. No entanto, novas pesquisas deram maior visibilidade à participação feminina nas lutas pela independência baiana. Dentre elas, temos Maria Quitéria, Joana Angélica e Maria Felipa. Entretanto, é necessário nos apropriarmos de mais pesquisas para salvaguardar a memória da atuação das mulheres negras no processo de Independência do país e estado baiano.

Durante muitos anos, a história que se repetia sobre os acontecimentos na Bahia estava voltada para a estereotipação das vozes brancas de heróis masculinos em detrimento das vozes femininas de heroínas brancas e negras, deixando o povo baiano sem

representatividade ou mesmo sem participação nos processos de libertação na Bahia. Tal fato começa a ser desmistificado quando novas investigações trazem à tona a existência e participação de pessoas comuns, muitas delas negras, como representatividade do povo baiano nas lutas pela emancipação. (MOREIRA & SANTOS, 2019).

Além disso, destaca-se, também, a contribuição de outras localidades baianas, além de Salvador, no processo de expulsão dos portugueses do território, como foi o caso de Cachoeira, Saubara, Itaparica e tantas outras vilas que ainda não possuem suas histórias de participação e resistência devidamente reconhecidas. (MOREIRA & SANTOS, 2019)

Nesse contexto, ao levantarmos a questão da participação das mulheres negras nas lutas pela emancipação da Bahia, ampliam-se os ângulos de visão e discussão sobre como essas outras vozes que sofreram tentativas de silenciamento por anos também tiveram importante atuação no processo, mas não foram consideradas quer por questões de gênero ou raça.

Como nos ensina Chimamanda Adichie:

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada. (ADICHIE, 2009. p.16)

A história da emancipação baiana começa a ganhar novos rumos a partir do surgimento de outras interpretações historiográficas onde uma gama de pesquisadores/as além de interessados/as em histórias de homens e mulheres brancas, mas também de negros/as, indígenas e tantos outros/as começam a questionar a ausência de tais povos nos processos de resistência na Bahia, bem como a partir da consideração da existência de outras fontes históricas como monumentos ou mesmo narrativas das comunidades que passam a ser consideradas, dando cada vez mais novas perspectivas de interpretação para os acontecimentos que culminaram na expulsão das tropas portuguesas da Bahia em 2 de julho de 1823.



2. Quilombos e Independência do Brasil

Observamos que, no período em que se deflagrou a guerra independência na Bahia, estavam tendo várias ocorrências de rebelião escrava em todo território baiano, o que provocou o aumento da fiscalização sobre a massa escravizada. (REIS, 1998) Entre essas, destacamos alguns quilombos que tiveram a participação ativa de mulheres negras, especialmente na liderança. O ativismo feminino já estava presente nessas ações de manifestação de contestação e seguia muitas vezes o sistema matrilinear que existe no continente africano.

É necessário entender que esse contexto da época favoreceu para a deflagração das lutas de independência na província da Bahia e que atuação das mulheres negras pode ser refletida dos assentamentos que muitas vezes seguiam o sistema matrilinear presente em grande parte do território africano, sendo reproduzido aqui nos espaços quilombolas. (SANTOS, 2019).

Flávio Gomes aponta que, no processo de Independência do Brasil e da Bahia, houve a formação de muitos quilombos e que aumentou a proliferação de revoltas, por conta principalmente das batalhas da independência que tiraram um pouco a atenção da vigilância sobre os espaços quilombolas. (GOMES, 2015. p. 75). Portanto, até que ponto esses/as negros/as estavam neutralizados/as ou voltados/as para seus espaços de resistência que não se envolveram nas lutas pela emancipação política na Bahia? Não seria o Estado português também seu opressor a ponto de motivá-los/as a envolverem-se nas lutas no território baiano? Suas vidas, suas comunidades ou mesmo seus espaços de resistências também não estariam naquele momento sendo ameaçados, já que o território baiano estava em plena guerra? Então, não podemos considerar que os grupos sociais marginalizados, como é possível aos grupos marginalizados e excluídos como negros, índios, mulheres, mulheres negras e indígenas estavam alheios/as aos acontecimentos no território da Bahia onde se passou os acontecimentos da época.

Na Bahia, os quilombos representavam movimentos de luta pela emancipação negra, resistência e reexistência, onde homens e mulheres atuaram em diferentes momentos e territórios nas lideranças dos grupo em defesa de um ideal comum, a liberdade, fato que evidencia que a luta pela libertação já era algo presente no imaginário negro/a e se fortalecia

dia a dia, tornando-se uma possibilidade a partir da formação desses mocambos. Mas, a presença feminina como destaque em lideranças nos estudos sobre os quilombos no Brasil também foi marcada pela colonialidade e frequentemente abordados a partir da figura de lideranças negras masculinas, dando pouca ênfase à participação feminina na condução desses mocambos.

Outrossim, a presença de mulheres negras em movimentos de liderança, como o exemplo dos estudos sobre quilombos e sobre Maria Felipa, passou por um processo de ocultação pela historiografia. Dessa forma, tem-se o fortalecimento de um discurso excludente, que subjuga culturas diferentes, bem como a ação de outros sujeitos históricos como homens e mulheres negras e indígenas produzindo aquilo que Foucault (1996) denominou de as "sociedades de discurso", cuja função é conservar ou produzir discursos, condizentes com uma intencionalidade colonizadora e eurocêntrica marcada pelo predomínio da figura masculina branca ou mesmo de figuras femininas também brancas e em menor escala, como protagonistas dos acontecimentos de emancipação política tanto no Brasil, quanto na Bahia.

Para além dessas movimentações dos povos na condição de escravizados/as, é importante sinalizar que os quilombos, como o quilombo do Urubu, em Salvador que se desenvolveu segundo Pedreira em 1823, tiveram como líder uma mulher chamada Zeferina e esse mocambo tinha como objetivo realizar uma revolta escrava, mas os quilombolas foram emboscados antes de conseguirem realizar tal plano. (PEDREIRA, 1973). Coadunando com esse pensamento, Santos (2019) elaborou um livro paradigmático sobre essa figura feminina, "O conto de um quilombola". Esse estudo foi embasado por fontes primárias.

Outro quilombo que nos chama atenção por ter tido uma das lideranças femininas, foi o do Cabula, destruído em 1807, Tal quilombo ficava localizado em Salvador, abrangendo uma área correspondente, hoje, a 16 bairros da cidade. Nicácia da França, conhecida como sacerdotisa, era muito responsável pela comunidade local e várias pessoas a procuravam por acreditarem no seu poder de cura, sendo uma reconhecida uma das líderes desse território. Neste sentido, é fundamental compreendermos como esses assentamentos tiveram relação com o processo de Independência e como eram constituídos por uma massa de mulheres negras que muitas vezes encabeçavam os movimentos, o que pode simbolizar também a



representatividade de mulheres negras no processo de emancipação do nosso país e mais especificamente, no caso da Bahia.

3. Mulheres da independência – a festa do 2 de julho

Sabemos da importância da festa do 2 de julho para a memória local em nosso Estado. Desde Cachoeira, passando por todo o Recôncavo, até Salvador, essa festividade mobiliza milhares de pessoas e é conhecida nacionalmente. E é justamente nesse cenário festivo que nos deparamos com a figura de algumas heroínas que mostraram seu ativismo nas lutas de independência.

Entretanto, apesar dessa memória local estar representada através das estátuas da cabocla, e de outras figuras femininas, por que ainda muitas pessoas ainda estranham quando ressaltamos as ações de mulheres negras no processo de independência do Brasil e da Bahia? Como podemos equilibrar as ações de Labatut com as dessas mulheres? Por que damos ênfase a ações masculinas em detrimento das femininas? Por que a ideia de herói perpassa pelo ideário masculino?

Para entender melhor esses questionamentos, faremos uma rápida análise da experiência de Maria Quitéria. Ela lutou bravamente ao lado de homens, apesar de ser mulher. Mas, teve de fingir que era um homem para fazer parte do exército, sendo até hoje vista como heroína, pois seguiu a tendência masculina. Utilizou o nome do seu cunhado passando a chamar-se soldado Medeiros.

Outra figura muito representativa do período foi Joana Angélica, que era abadessa da Lapa. Observa-se assim, que a atuação feminina recai sobre o bravo papel das mulheres trajadas e lutando à frente da batalha ou como a virgem protetora que defendeu suas irmãs, como no caso de Joana Angélica. Neste episódio, percebemos claramente a força de uma mulher que mesmo desprendida dos bens materiais tentava impedir a invasão dos soldados portugueses ao local sagrado, impedindo a morte de várias pessoas. Por essa razão, é conhecida como mártir da Independência do Brasil na Bahia.

Remetemos esses dois exemplos, pois estão muito presentes na festa do 2 de Julho e que acabam por perpetuar a construção de uma narrativa da independência da Bahia que

negligencia a ação das mulheres negras que tiveram tanta importância e atuação nesse processo e que no desfile da festa do 2 de julho não são representadas.

André Carvalho ressalta que:

Maria Felipa timidamente vem sendo inserida nos desfiles oficiais do 7 de setembro, já que por muito tempo foi lembrada somente pelo Grito dos Excluídos, reconhecendo de que “muitas surras de cansação” e queima de navios ainda serão necessárias para se lembrar das heroínas negras na proclamação do 2 de Julho, ou seja, fruto da luta do próprio movimento negro que vem enaltecendo e buscando que essas personagens até ignoradas ocupem o espaço que lhes cabe. (CARVALHO, 2002, S/P).

Sérgio Armando Guerra Diniz (2022) trata sobre o desfile do 2 de julho que é comemorado anualmente desde 1824. Essa festa rememora a libertação da cidade que data de 2 de julho de 1823. Momento de exaltação da Bahia livre. O autor aponta que a Independência da Bahia foi uma disputa de projetos políticos diferentes, tecendo uma crítica para os estudos historiográficos que o sinalizam como um momento de harmonia entre os segmentos sociais.

Guerra Filho (2022) sinaliza também que apesar das lutas pela independência, o exército libertador teve que lidar com levantes escravos, insurreições civis e ataques indígenas, o que demonstra que mesmo participando do processo, eles não se esqueciam de suas origens. É notório que os estudos já tratavam sobre a participação dos homens pobres livres e sua atuação frente ao exército lusitano, mas ainda precisamos enveredar para o campo da participação das mulheres negras no processo de Independência da Bahia.

Dessa forma, percebemos que associar as mulheres negras às lutas pela Independência da Bahia é um importante percurso que a historiografia precisa fazer para compreender melhor o processo de emancipação do nosso estado.

4. Independência da Bahia e mulheres negras

Conforme Cidinha da Silva (2022), que tece a história de sete protagonistas da Independência do Brasil na Bahia, trazendo informações acerca de Maria Felipa que teria tido uma grande atuação na Independência da Bahia. As autoras enfatizam que pouco se sabe



sobre a história e trajetória de Maria Felipa de Oliveira e que, apesar de ser negligenciada pela historiografia tradicional, foi felizmente imortalizada pela memória popular. Dessa maneira, o imaginário popular é compreendido como um elemento importante a ser considerado na construção histórica das narrativas femininas junto aos processos de Independência da Bahia.

A trajetória de vida de Maria Felipa também traz uma perspectiva de discussão sobre a ancestralidade, uma ancestralidade que marca a história de tantas mulheres negras que tiveram na sua linha evolutiva a presença de mulheres escravizadas marcadas por vivências de lutas, sofrimentos, resistência e reexistências.

Silva (2022) assinala que:

Maria Felipa de Oliveira materializa a ancestralidade que nos permitiu chegar até aqui, a memória viva de pessoas negras e indígenas submetidas ao racismo e à indignidade de seus desdobramentos: o desemprego, a miséria, a fome. A conexão perene com a ancestralidade, permite a nós, povos negros e indígenas, o acesso a tecnologia de produção de infinitos que geram encantamento, driblam a morte e nos mantém vivos e fortes.

Maria Felipa era figura atuante nos grupos de pertencimento quer no tocante à religiosidade ou mesmo junto às marisqueiras, grupo ao qual fazia parte e que conseguiu reunir e liderar várias outras mulheres no processo de resistência portuguesa na Bahia. Maria Felipa de Oliveira foi uma realizadora da própria independência numa sociedade escravocrata e, com seu exemplo, disse a todas as mulheres negras que nossos projetos de liberdade e autonomia são possíveis. (SILVA, 2002, p. 114).

Portanto, não podemos deixar de considerar a polifonia de vozes de tantas outras mulher que fizeram parte do seu grupo denominado mulheres guerreiras e que atuaram com diferentes estratégias que uniam conhecimentos de plantas nocivas locais, quanto armas criadas pelos povos da região para defesa contra invasão das tropas portuguesas na região de Itaparica. É notório a grande contribuição dessas agências femininas no processo de emancipação do estado. Conforme Karine Teixeira Damasceno:

Na memória popular, é consenso de que Maria Felipa de Oliveira se alistara como voluntária na Campanha da Independência, lutando na guerra, e, ainda, liderando um grupo de 40 mulheres, as “vedetas”, isto é, as sentinelas, que tinham o papel de observar, dia e noite, as praias, as matas, os caminhos, e subir nos montes que ficavam próximos aos campos de guerra, para ter uma melhor visão dos portugueses que desciam dos barcos para saquear a ilha de Itaparica. (DAMASCENO, 2021, p.11).

Nota-se que a atuação desse grupo de mulheres contribuiu muito nas lutas pela emancipação política da Bahia. A estratégia utilizada por essas mulheres foi fundamental à expulsão dos soldados portugueses de Itaparica. Nesse contexto:

Naqueles tempos de conflito, muitos barcos inimigos navegavam pelo Recôncavo. Para monitorar esses barcos, Maria Felipa e suas companheiras formaram um grupo chamado de Vedetas. A função delas era de sentinela: noite e dia patrulhavam as matas, os manguezais, as praias e todos os caminhos da ilha, inclusive subindo em outeiros como o do Balaústre e o da Josefa, mais próximos aos campos de guerra. Levando tochas acesas feitas de palha de coco e chumbo, identificavam portugueses que desciam dos barcos à noite para saquear a vila (interceptando principalmente alimentos) e também para lutar. (...) (PRATA, 2018, p.33).

Assim, observamos que a história sobre as outras mulheres que também atuaram junto com Maria Felipa foram ocultadas. O que temos para contar sobre essas outras mulheres? Quem foram Marcolina, Joana Soleiro e Brígida do Vale? Será que suas histórias também não deveriam ser consideradas dentro do contexto da emancipação baiana? Não se faz história sem a participação de tantos outros e outras e é justamente essa história única, como foi muito bem questionada por Adichie Chimamanda (2009) que esse artigo propõe um repensar sobre a atuação de outras personagens que a História omitiu durante anos.

[...] acerca das companheiras de Maria Felipa de Oliveira, e constatar que, diferentemente do modelo de feminilidade que se impunha às mulheres, de maneira geral, restringindo-as ao âmbito doméstico, as condições de vida daquelas tornaram-nas exímias conhecedoras das águas que levavam à ilha de Itaparica; também eram pescadores e estavam acostumadas a viajar pelo mar e pelo rio Paraguaçu em barcos que elas mesmas conduziam. Parece óbvio, mas talvez não seja excessivo enfatizar que as mulheres que lutaram sob a liderança de Maria Felipa de Oliveira só puderam ser lideradas, porque, antes disso, também, optaram por lutar pela causa do Brasil. (DAMASCENO, 2021, p. 12).

Silva (2022) aponta que a participação de negros/as na independência poderia possibilitar uma mudança no status quo desses sujeitos, o tão sonhado desejo de torna-se liberto. Por esta razão, provavelmente, a atuação política das pessoas negras foi muito grande, sobretudo na região da Bahia. Neste sentido, é necessário enveredarmos por esse viés



feminista de buscar além de Maria Felipa, outras mulheres que tiveram papel importante nesse processo.

Outra mulher que teve destaque no processo de independência da Bahia foi Urânia Vanério, também conhecida como baianinha, filha de um casal de portugueses, nascido em Salvador, e desde menina era ativista da independência pelas palavras. O panfleto “Lamentos de uma Baiana”, de sua autoria, é o mais revoltado e dolorido protesto contra a ação das tropas do General Madeira de Melo.

Valim (2002) afirma que os panfletos, na época, permitiam uma comunicação mais barata, de circulação rápida e suas mensagens eram respeitadas por diferentes setores da sociedade e eram especialmente temidos pelas autoridades, já que foram uma ferramenta política relevante em várias revoltas do Brasil colonial.

Assim, os versos de Urânia tornaram-se um importante recurso de protesto social, baseando-se em suas revoltas pessoais e de sua família diante dos rumos da guerra. O que parece ter começado como uma tentativa de defender seus pais portugueses de possíveis ataques, ganhou corpo e transformou-se em uma das mais potentes críticas contra os arbítrios do absolutismo português na Bahia, da exploração colonial e da violência das tropas imperiais contra a população de Salvador. (VALIM, 2022. p. 50).

Um dos símbolos mais recorrentes da participação feminina na Independência da Bahia foi Maria Quitéria de Jesus, que participou ativamente dos conflitos armados. Pela própria conjuntura da época, era impensável uma mulher participar de um combate ainda mais advinda de uma família tradicional, mesmo assim apesar da recusa do seu pai de se juntar ao exército, ela pegou roupas do cunhado emprestadas, cortou os cabelos e se despiu de qualquer indício externo que a configura-se como mulher. E assim, conseguiu adentrar na batalha.

Valim (2022) evidenciam que Maria Quitéria lutou até 2 de julho de 1823, quando os últimos portugueses que ainda resistiam decidiram abdicar do combate. Em seguida, a moça-cadete retorna ao Rio de Janeiro, onde foi condecorada e passou a receber um salário vitalício, para usar como bem entendesse, sem a intromissão de pai, marido ou irmão. Em outras palavras, conquistou a independência financeira.

Sérgio Armando Diniz Guerra Filho (2002) ressalta que no combate entre soldados portugueses e baianos que se aquartelavam no Forte de São Pedro e que estavam com pouca munição. Assim, para não se renderem, pegaram um atalho no Convento da Lapa. Os

soldados portugueses tentaram impedir a fuga, tentando entrar no confinamento, onde não era permitido a entrada de homens. Por essa razão, Joana Angélica que era pela segunda vez Abadessa do Convento da Lapa, impediu a sua entrada, sendo assassinada.

O autor sinaliza que Maria Quitéria advinha de uma família de agricultores, sendo irmã mais velha de 6 irmãos. Instigada pelo recrutamento do exército do imperador, conhecido como o exército dos Periquitos, ela foi à Cachoeira, com o auxílio de sua irmã, que conseguiu vestes masculinas de seu marido, soldado Medeiros. Logo, Quitéria alistou-se no exército com o nome de seu cunhado e destacou-se pela sua disciplina e prática de tiro, o que levou a colocação de 1º cadete pelo general Labatut e depois da guerra foi condecorada pelo próprio Imperador no RJ.

Observa-se que Maria Quitéria destacou-se em várias batalhas, como na Pituba, Barra do Paraguaçu e Itapuã. Seu pai tentou buscá-la e sua identidade foi revelada, mesmo assim, ela se negou a voltar e o exército aceitou-a, passando a lutar com saio. Após a guerra, o Imperador conseguiu através de uma carta reconciliar Maria Quitéria e seu pai e ela casou-se tendo uma filha. (FILHO, 2002, p.5).

No centenário de sua morte, foi homenageada com uma estátua de bronze, localizada na Praça da Soledade. Em 1996, passou a ser patronesse da Independência e em 2008, entrou no livro dos panteões de heróis e heroínas da Pátria.

Heriberto Gregório dos Santos (2002) aponta que o empenho da comunidade em manter a memória viva dos seus heróis e heroínas é fundamental para resgatar a memória da participação popular nas lutas pela independência, especial, em Saubara, assinalando que devido aos sumiços destas fontes históricas, ficaram as narrativas, ou o que chamamos de oralidade, e que proporcionou a manutenção de manifestações histórico-culturais como as Caretas do Mingau e as canções das Cheganças, que se tornaram uma tradição em Saubara e que representam um registro da memória social do lugar.

Santos (2002) enfatiza o protagonismo do Recôncavo na luta pela Independência da Bahia, ressaltando que as Caretas do Mingau teriam origem a partir de uma Irmandade Religiosa.



As mulheres se vestiram de branco criando disfarces para levar comida e armas para seus maridos que estavam no mato, nas trincheiras lutando”. Analisamos também que existiu um problema de tradução, falou de um jeito e ouviu de outro. O pano branco em análise rememora uma antiga Irmandade da Igreja católica. Irmandade das Santas Almas que Padecem no Purgatório 1811. Partindo de alguns pressupostos, estas mulheres por uma questão patriarcal eram responsáveis pelas tarefas domésticas, contudo, naquele momento de guerra preferimos afirmar que foram mãos habilidosas no preparo dos alimentos para os combatentes. (SANTOS, 2002, p. 16).

Desse modo, percebemos que outras figuras femininas negras precisam ter suas histórias desveladas. Sabemos que não é um trabalho fácil, mas necessário para desconstruir do imaginário que a Independência do Brasil e Baiana foi só conquistada e consolidada por figuras masculinas, trazendo novas perspectivas sobre esse momento tão importante da nossa história local.

5. As mulheres negras na Independência da Bahia em sala de aula

Os currículos da Educação Básica não mais atendem aos sujeitos que fazem parte do universo escolar, especialmente, as escolas públicas que são majoritariamente constituídas por pessoas negras. Logo, a necessidade de contemplarmos outras narrativas. Assim, o/a professor/a tem o papel fundamental de levar essas discussões sobre a atuação das mulheres negras nas lutas pela emancipação da Bahia para sala de aula, ainda mais quando se comemora o Bicentenário da Independência do Brasil na Bahia.

Sabemos que os/as docentes têm muita dificuldade de abordar tais temas, pois a história local raramente é tratada na formação inicial. Faz-se necessário um esforço do próprio/a professor/a de associar a pesquisa ao ensino e se debruçar nesses saberes para levar para o ambiente da sala de aula, haja vista que o/a professor/a e o/a aluno/a dispõem a todo momento do livro didático, mas esse material não é produzido dentro de um contexto que consiga dar conta de tantas temáticas e ele depende muito da linha teórica ou da corrente historiográfica que o autor pertence. Se não ocorrer um comprometimento por parte do/a professor/a em ensino e pesquisa, os livros serão os únicos instrumentos de formação presentes no contexto da sala de aula e eles acabaram reproduzindo ideologias e saberes engessados, principalmente se o autor desses livros não tiver engajamento e comprometimento nas discussões que envolvam temáticas como gênero e raça. Portanto,

como bem assevera Circe Bittencourt ressalta que valores são transmitidos na escola o tempo todo. Por causa disso, os professores devem cuidar da escolha das obras didáticas. (BITTENCOURT, 2014, p. 52).

Um dos caminhos mais viáveis é através da produção de materiais didáticos sobre a temática, pois o/a docente tem autonomia para construir materiais que deem conta dessas discussões contribuindo para a produção de novos saberes sobre a história local, além de trazer à tona a história de sujeitos históricos que se aproximam da realidade vivenciada por diversos/as educandos/as e que estes possam ter como referências positivas personagens negro/as de forma a incentivar o protagonismo juvenil.

Muito embora, as lacunas deixadas pela historiografia sobre a participação de mulheres negras no processo de Independência na Bahia, sinalizamos que existem estudos focados nessas personalidades femininas discutidas nessa pesquisa e outras investigações vem enveredando por essa trajetória, mas ainda representam avanços pouco significativos para a historiografia baiana, o que requer maiores embates e pesquisas que contemplem uma história de luta do povo negro a ser escrita para além do sofrimento da escravidão.

Sabe-se que a produção do material didático ainda é um fator pouco pensado pelo/a professor/a que, uma vez que não se vê como produtor desses recursos, não compreendendo a real importância em construir materiais didáticos produzidos por eles/as e condizentes com a realidade local. Nesse contexto, as escolas ainda continuam marcadas pela entrada em massa de materiais produzidos por autores do Sul ou do Sudeste, o que dificulta embates sobre questões que, para o Nordeste e especificamente para a Bahia, são tão relevantes e marcam o cotidiano de luta de vários povos negros ao longo de toda a história. Neste sentido, como ressalta Circe Bittencourt (2008), precisamos compreender que material didático são os mediadores do processo de aquisição de conhecimento, são facilitadores da apreensão de conceitos, do domínio da informação e de uma linguagem específica da área de cada disciplina.

Segundo Rita Dias de Jesus (2010):

Os currículos, historicamente, como atividade de seleção e priorização, seguindo os caminhos da sociedade ocidental contemporânea, tem nos legados uma cultura que exclui, dicotomiza e separa razão e emoção, pensamento e sentimento, culturas,



identidades coletivas e subjetividades. Ao ignorar a polifonia das vozes a que submete homogeneamente no processo de educação institucionalizada, esses currículos tem se prestado a uma lógica de mercado que visa a resultados que melhor se ajustem às demandas da “empresa - escola”, ampliando a relação consumidor-produto, tão em voga na sociedade contemporânea. (JESUS, 2010 p. 71)

As argumentações aqui implementadas não constituem polêmicas acerca da não utilização dos livros didáticos, mas ressaltam que é possível levar narrativas que estão ausentes nesses materiais através de recursos elaborados tanto por docentes quanto com a participação dos/as educandos/as, de forma a incentivar o/a professor a se autorizar na elaboração dos seus materiais didáticos ainda que, como uma complementação das leituras contidas nos manuais.

Conclusões

Falar da Independência da Bahia a partir desse viés do cotidiano e mesmo da história de mulheres negras que tiveram suas vidas marcadas pelos processos de emancipação política da Bahia é algo bastante recente na historiografia sobre a Independência do Brasil. Por isso, é tão importante que pesquisas como essas sejam validadas e que novas mulheres negras presentes nesses momentos históricos tenham sua voz e narrativa reconhecidas.

Não é simplesmente fazer uma análise superficial da participação feminina na Independência da Bahia que nos propomos aqui, mas sinalizar que além das mulheres brancas e negras que já estão no panteão de heroínas, outras experiências femininas, principalmente das mulheres negras precisam ser abordadas para que enfim, reconheçamos o papel dessas figuras femininas que estiverem durante tanto tempo no ocultamento tanto nos relatos históricos bem como na sala de aula.

Desse modo, o estudo revisita o campo de ensino de história, para discutir sobre o motivo da tentativa de apagamento das narrativas negras e, mais especificamente, mulheres negras nos debates ou estudos sobre a Independência do Brasil na Bahia. Consideramos que a tentativa de silenciamento diante de tais experiências precisam ser rompidas, visto que crescem o interesse e as pesquisas sobre as agências femininas nos relatos históricos.

Referências

- ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- BERNARDO, André. **Independência do Brasil: as mulheres que lutaram e foram esquecidas pela História**. BBC News, RJ, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/09/07/independencia-do-brasil-as-mulheres-que-lutaram-e-foram-esquecidas-pela-historia.ghtml>. Acesso em 22/11/2022.
- BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História fundamentos e métodos**. 2ª ed. São Paulo; Cortez, 2008.
- BITTENCOURT, Circe. **O bom livro didático é aquele usado por um bom professor**. In: Nova Escola, blog. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/877/circe-bittencourt-o-bom-livro-didatico-e-aquele-usado-por-um-bom-professor>. Acesso em 02 de abr. de 2023.
- BRASIL, Lei 13.697, de 26 de julho de 2018, inscreve o nome de heroínas baianas. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 2018, p. 1.
- CARVALHO, André. **A heroína esquecida da independência da Bahia**. Intranet da Câmara, Salvador. Disponível em: <https://www.cms.ba.gov.br/intranet/artigo/6>. Acesso em 21/06/2023.
- DAMASCENO, Karine Teixeira. **200 anos da Independência do Brasil na Bahia: Maria Felipa de Oliveira e outras tantas “guerreiras brasileiras”**. In: Revista Angelus Novus. ano XII, n. 17, 2021.
- FARIAS, EnyKleyde Vasconcelos. **Maria Felipa de Oliveira – Heroína da independência da Bahia** – Itaparica - Bahia/2010.
- FILHO, Sérgio Armando Diniz Guerra. **Dicionário da Independência do Brasil: História, Memória e Historiografia** /organizadores: Cecília Helena de Salles Oliveira; João Paulo Pimenta; SP: Edusp, Publicações BBM, 2022.
- FILHO, Sérgio Armando Diniz Guerra. **O antilusitanismo na Bahia**. Tese (Doutorado) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.
- FILHO, Sérgio Armando Diniz Guerra. **O povo, a guerra, a liberdade: um programa político popular durante a guerra de independência na Bahia (1822-1823)**. v. 20, n. 1, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula inaugural no College de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola: 1996.
- GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil** – 1ª ed. São Paulo: Claro Enigma, 2015.
- GRAHAM, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país: durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823**. Ed. Nacional, 1956.



JESUS, Rita de Cássia Dias Pereira de. **Currículo e formação docente - uma aproximação.** In: NASCIMENTO, Cláudio Orlando Costa do. Jesus, Rita de Cássia Dias Pereira de. **Currículo e Formação: diversidade e educação das relações étnico-raciais.** Curitiba: Progressiva, 2010.

Mulheres da Independência: 3 mulheres são heroínas do 2 de Julho. Tribuna da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulheres-da-independencia-3-mulheres-sao-heroínas-do-2-de-julho>. Acesso 26 de jan. 2022.

NASCIMENTO, Cláudio Orlando Costa do; JESUS, Rita de Cássia Pereira de. **Currículo e Formação: diversidade e educação das relações étnico-raciais.** Curitiba: Progressiva, 2010.

PEDREIRA, Pedro Tomás. **Os quilombos brasileiros** – Departamento de Cultura da SMEC, Arquivo Público do Estado da Bahia – Salvador, 1973.

PRATA, Livia. **Maria Felipa: uma heroína baiana.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Visual) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

REIS, João José. **Rebelião Escrava no Brasil. A história do levante dos malês em 1835,** São Paulo: Companhia das letras, São Paulo, 1986.

SANTOS, Heriberto Gregório dos. **Se o Dois de Julho morrer, o que será de nós?": a participação de Saubara nas lutas pela Independência da Bahia em 1822-231.** Disponível em: repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/3340. Acesso em 04/07/2023.

SANTOS, Viviane Carla Bandeira Santos & Moreira, Andrea de Carvalho. **Narrativas Femininas na Independência da Bahia: um caminho para educação antirracista e decolonial.** Estudos IAT, Salvador, v.5, Edição Especial Prêmio Luís Henrique Dias Tavares, 2020.

SANTOS, Viviane Carla Bandeira Santos. **Relatório técnico de produção do paradidático “Zeferina: O conto de uma quilombola”.** Cachoeira, 2019.

SILVA, C. da. **“Maria Felipa de Oliveira, a mulher que veio do mar e ruminava fogo”.** Starling, H. M.; Pellegrino, A. *Independência do Brasil as mulheres que estavam lá.* Bazar do Tempo: Rio de Janeiro, 2022.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Artigo recebido para publicação em: 22 de abril de 2023.

Artigo aprovado para publicação em: 03 de agosto de 2023.